

## **Recortes de Imprensa**

Novembro 2008



## **VIOÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Meninas abaixo dos 10 anos, são principais vítimas. Os agressores são, regra geral, os próprios pais.

# **Vítimas são raparigas com menos de 10 anos**



ROSA SANTOS

Agressões são exercidas, principalmente, sob a forma de negligência e maus tratos físicos e psicológicos

■ CATARINA M. E SILVA

**E**m Portugal, são as meninas, com idade inferior a 10 anos, as principais vítimas de violência doméstica, no segmento das crianças e adolescentes. Esta é ainda exercida pelos próprios pais, fundamentalmente, sob as formas de negligência e de maus tratos físicos e psíquicos.

Quem traçou este perfil foi a professora da universidade de S. Paulo, no Brasil, Marta Silva, que proferiu, ontem, na Universidade do Minho (UM), a conferência 'Violência doméstica contra crianças e adolescentes: vulnerabilidade e protecção'.

Os dados foram recolhidos pela docente através da As-

sociação de Apoio à Vítima (APAV).

"Este é um assunto difícil de lidar, de atender e de tratar, pois envolve conflitos inter-pessoais, entre famílias que se encontram doentes", explicou a especialista, que viveu diariamente e durante 18 anos esta realidade, num departamento de saúde, do qual foi coordenadora.

Marta Silva referiu ainda que as políticas sociais "nem sempre são rápidas a dar resposta a esta realidade", que se alimenta na violência da sociedade e não apenas dentro da rede familiar.

"Não se trata de um assunto da década passada e não é de Portugal ou de Braga, é

universal", esclareceu a especialista.

A palestra de ontem teve como principal intuito ajudar a desmistificar uma questão que se encontra envolta em mitos e tabus, "que se têm perpetuado".

Marta Silva alertou ainda para a quantidade de casos que ficam ocultos e impunes: "só conhecemos as situações que se encontram nos jornais e nas revistas".

Estas situações representam a ponta do 'iceberg', pois apenas são conhecidos os "casos notificados, nos serviços de saúde, creches e escolas". "Estamos perante uma violação dos direitos humanos e particulares do sujeito em desenvolvimento", rematou a docente.



**Violência.** Foi ontem operada pela segunda vez, a idosa de Quintela, Maria Alice Marques, de 64 anos, que foi brutalmente abusada sexualmente, roubada e abandonada ao frio por um adolescente de 19. A vítima, que esteve sempre consciente, terá tentado reagir, conta uma sobrinha

# Violada, espancada e abandonada ao frio

**Vítima reconheceu o agressor, que vive numa aldeia vizinha**

AMADEU ARAÚJO, VISEU

Foi ontem operada pela segunda vez a idosa de 64 anos que foi brutalmente assaltada, agredida e violada, na quinta-feira, quando regressava a casa, em Quintela, concelho de Vouzela, alegadamente por um jovem de 19 anos residente numa aldeia vizinha e com antecedentes por crimes idênticos. Um dia depois, a Polícia Judiciária deteve o suspeito. Ouvido em tribunal, o jovem, servente da construção civil, ficou em prisão preventiva. O indivíduo já tentou atacar outras mulheres na povoação, mas só uma vez foi identificado pela GNR (ver caixa).

Foi Augusto Lourenço, um agricultor que ia pastar o gado, quem primeiro localizou a mulher, na sexta-feira de manhã. "Estava nua da cintura para baixo e pedi-me para a levantar. A idosa "sofre de epilepsia" e, inicialmente, Augusto Lourenço pensou tratar-se de "um ataque. Só quando a tentei levantar é que lhe vi o sangue. Até lhe perguntei se ainda tinha o período", conta o agricultor, na sua simplicidade. "Contou-me que foi abusada pela frente e por trás pelo filho da Isaura e então pedi ajuda".

Na véspera, Alice Marques, "solteira e reformada, foi visitar uma amiga a Lomão". Regressava a casa "pelo pinhal quando se apercebeu do rapaz, sentado na bicicleta", conta Adília Marques, irmã da vítima, ainda mal refeita do choque, depois de visitar Alice no hospital. "Arrebentaram-na toda, disse, revoltada". De acordo com este relato, a vítima "viu o rapaz passar de bicicleta e a seguir agachado. Depois agarrou-a por trás e fez aquilo que não se fazia nem a um cão. Só conhece as pessoas pela voz e tem os olhos todos inchados". De acordo com a PJ, a idosa foi "violada várias vezes, agredida, roubada e depois abandonada à chuva e ao frio".

Lúcia Marques, sobrinha da vítima, só soube do sucedido à hora de almoço



Segundo a irmã (na foto), Alice Marques terá gritado por socorro, mas ninguém lhe prestou auxílio

de sexta-feira. Ao DN afirma que ela tem muita força e deve ter reagido. Disse-me que aquilo sucedeu ao lusco-fusco, por volta das 17.00 horas. Foi muito maltratada". A sobrinha acrescenta que "ela esteve sempre consciente e reconheceu o agressor, denunciando-o à polícia".

O caso revoltou a pequena aldeia de Quintela. Segundo alguns, a idosa terá gritado e pedido socorro, mas ninguém foi em seu auxílio. Ficou estendida no chão, numa noite de chuva, até ser encontrada, na manhã seguinte, por Augusto Lourenço. Foi socorrida pelos

Bombeiros de Vouzela, que a encontraram "extremamente maltratada e em estado de hipotermia", diz fonte da corporação. Conduzida ao hospital de Viseu, "foi operada para reconstituição do ânus. No sábado foi transferida para Coimbra e novamente operada no serviço de maxilo-facial dos Hospitais da Universidade. Tinha um dos ossos partidos e estava desfigurada".

A família do suspeito conta que, "na sexta-feira, este chegou do trabalho, cerca das 18.30, tomou banho e foi cortar o cabelo. Depois, foi para a associação e daí para casa", conta João Gonçalves, um dos irmãos. Paulo Gonçalves, o agressor, foi detido sexta-feira após o almoço. Segundo a PJ, "não confessou os crimes mas os indícios eram suficientemente fortes e foi presente ao Tribunal de Santa Comba Dão", ficando a aguardar julgamento em prisão preventiva. em Quintela, freguesia de Queirã, os populares garantem: "Pode acontecer uma desgraça se o malvado voltar aí".

## Idosos calam-se "por medo e vergonha"

De acordo com uma fonte do Núcleo Mulher e Menor da GNR de Viseu, "casos com esta gravidade são poucos". A opinião é corroborada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que, contudo, alerta para o facto de "muitos destes casos" não serem contados por "medo e vergonha". Também Natália Cardoso,

técnica da APAV, conta que "são muito poucos os casos desta gravidade de que nos chegam ao conhecimento". As violações de idosos "não são frequentes, o que não quer dizer que não aconteçam". Para a técnica, é também "por medo ou vergonha" que os idosos não os contam. Sobretudo no interior, onde há maior isola-

mento e idosos a viver sozinhos. O desconhecimento sobre como lidar com estas situações impede-as a viverem a situação sozinhas", esclarece. Natália Cardoso adianta que "dado o envelhecimento da população, que vive maioritariamente isolada, é complicado lidar com estes casos, com tendência a aumentar.

## RELATOS DE CASOS ANTERIORES

➤ "Há um ano embebedou-se, andou todo nu na aldeia e foi bater à porta da Teresa. Tentou entrar lá em casa, amassou a porta mas não conseguiu entrar porque a mulher trancou a porta e chamou a GNR", conta o irmão do suspeito, João Gonçalves. Levado para o posto "pela GNR, foi identificado e mandaram-no embora", diz.

➤ Há cerca de dois meses, "uma mulher de Carvalhal de Estanho, disse-me que ele a tentou roubar. Apareceu-lhe a coçar o pénis e disse que tinha uma frieira. A mulher defendeu-se com uma forquilha e ele fugiu", conta Augusto Lourenço.

➤ "Há coisa de um mês, andou em Lomão, onde vive, a mostrar o pénis e a mãe é que o levou para casa", diz Augusto Lourenço. O suspeito, que mora em casa dos pais, tem 5 irmãos. Só um deixou a casa paterna. E só o irmão de 18 anos fala com jornalistas.

## Número de casos desceu nos últimos dois anos

**Inquéritos.** Em 2008 registaram-se menos 50 violações que em 2007

A Polícia Judiciária (PJ) abriu 254 inquéritos para investigação do crime de violação, desde o dia 1 de Janeiro deste ano até 31 de Outubro. Um número que já não inclui o caso registado ontem, em Vouzela, de um jovem de 19 anos que violou uma senhora de 64 anos (ver texto em cima).

Feitas as contas, estes dados revelam que o número de investigações decresceu em 50 casos face ao ano anterior, em que foram registados 306.

Dados já revelados pelo Relatório de Segurança Interna, divulgado pelo Ministério da Administração Interna em Abril deste ano.

Já em 2006 - há dois anos - registaram-se 341, mais 35 casos que no ano anterior.

Estes registos confirmam que, relativamente aos crimes violentos e graves, em 2007, desceram os crimes de violação (341 para 306), os roubos a ourivesarias (116 para 98), os assaltos a bancos (139 para 108) e ofensas à integridade física graves (673 para 662).

Entre 2006 e 2007, os roubos na via pública sem o chamado "estício" desceram de quase 12 mil (11 818) para 9660.

Segundo o mesmo relatório, há mais de mil crimes por dia em Portugal. Verificaram-se 391 611 casos de crimes participados às forças de segurança - mais de mil por dia.

No ano passado, refira-se, registou-se uma diminuição de 10,5% da criminalidade violenta e grave - correspondendo a um decréscimo de 2587 crimes -, relativos a homicídios e violações e a um aumento da criminalidade participada. ■ - F.A.S.

## 341 inquéritos abertos

Foram os casos investigados em 2006 pelo crime de violação a cargo da Polícia Judiciária

## 254 casos investigados

Inquéritos abertos este ano, desde o dia 1 de Janeiro até 31 de Outubro, na PJ



## Vítimas podem fazer queixa através da net

É claro que as pessoas sobreviviam antes dos tempos da internet, o que não sabemos é bem como. Nos últimos anos, graças a ela, podemos ler o **Destak** mesmo sem por os pés na rua, evitar idas infundáveis a repartições e a bancos, pagar contas e contratar serviços, e até fazer compras no supermercado sem sair do sofá. Mas o que só descobri ontem, quando visitei o site renovado da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), é que já era possível fazer uma queixa-crime por via electrónica. Uma iniciativa do Ministério da Administração Interna, e que pelo menos a nível conceptual parece uma forma de vencer os medos e o embaraço de quem foi vítima de um crime, e quer apresentar queixa na GNR, PSP ou SEF.

Permite ainda denúncias em crimes tão delicados como a violência doméstica, maus tratos ou abusos de menores. No site de queixas do MAI, há mesmo um ícone onde pode clicar para que o ecrã do computador se encha com uma homepage do

Sapo, caso quem o esteja a consultar perceba que está a ser observado. Triste, mas infelizmente útil e inteligente. Na página inicial é possível escolher o crime que se deseja reportar, seguindo depois as instruções de preenchimento. Uma vez enviada a queixa, recebe-se automaticamente um documento comprovativo da sua recepção.

O passo seguinte é autenticar a assinatura, o que pode ser feito virtualmente se já tiver o cartão do cidadão, ou em lugares insuspeitos como numa estação dos CTT ou loja do Cidadão, para além obviamente das esquadras. Pode depois ir consultando em que fase se encontra o processo e que outras diligências são necessárias. Quando se sabe que muitas vítimas nunca apresentaram queixa, este *e.policing* permite estatísticas mais realistas, que por sua vez garantem (espera-se!) políticas mais adequadas. Tome nota do site, na esperança, no entanto, de que nunca precise de o usar: <http://queixaselectronicas.mai.pt>, ou através de [www.apav.pt](http://www.apav.pt).



## Um peluche por uma boa causa



A cadeia de perfumarias Marionnaud volta a apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), através da venda de peluches, cuja receita reverte para aquela instituição de solidariedade social.

A Marionnaud pretende juntar os seus clientes aos mais de 250 voluntários que a APAV tem. Este ano, foi a rena o animal escolhido para este gesto simbólico.

Imagem renovada

# APAV lança novo portal

Fortalecer a sua presença através desta nova plataforma online é o objectivo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima que agora pode ser consultada Internet em [www.apav.pt](http://www.apav.pt)

**A** Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) reformulou o seu website - [www.apav.pt](http://www.apav.pt) - e apresenta agora um renovado portal institucional. É objectivo da associação fortalecer a sua presença através desta nova plataforma online.

O novo portal traduz uma forte aposta ao nível dos conteúdos, investindo também numa imagem renovada. Para além do reforço da informação institucional, foram incluídos novos conteúdos, como a história, princípios, valores e organização da APAV, conselhos de prevenção e apoio para vítimas, legislação e a relação da vítima com a lei, informação sobre Gabinetes de Apoio à Vítima, sobre voluntariado e formação, entre outras áreas.

Outras novidades do novo



site são o canal de notícias, que disponibiliza informação actual, e a possibilidade do visitante se inscrever para receber a newsletter da APAV.

A APAV é uma instituição particular de solidariedade social que tem como objectivo promover e contribuir para a informação, protecção e apoio aos cidadãos vítimas de infracções penais. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que apoia, de forma individualizada, qualificada e humanizada, vítimas de crimes, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais. Existe desde 1990 e recebeu, em 2002, o Prémio Direitos Humanos da Assembleia da República.

Segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, no primeiro semestre deste ano foram registados um total de 8695 crimes. Deste total, a grande maioria (89,7%) referem-se a crimes de violência doméstica. As restantes denúncias dizem respeito a crimes contra as pessoas e a humanidade (7,1%), crimes contra o património (2,6%), crimes contra a vida em sociedade e Estado (0,3%), crimes rodoviários e de outros tipos (0,1% cada).

Ainda segundo a APAV, o local de residência comum é onde se regista a grande maioria dos crimes cometidos, num total de 65%.



## ***Novo sítio da APAV***

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) reformulou o *website* e apresenta agora um portal institucional renovado ([www.apav.pt](http://www.apav.pt)). Consciente da importância da comunicação e dando seguimento à sua missão social - apoiar as vítimas de crime prestando-lhes serviços de qualidade - a APAV pretende marcar uma presença forte através desta nova plataforma *on-line*.

---



# Crianças em perigo

A sociedade portuguesa denuncia cada vez mais os crimes contra as crianças, o que denota estar mais desperta para a protecção dos direitos dos menores, disse a presidente da Associação de Apoio à Vítima, Joana Marques Vidal.

Em 18 meses, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) recebeu centenas de **queixas de crimes contra mais** de 800 crianças e jovens, uma média de 49 por dia.

Estes números, segundo Joana Marques Vidal - Procuradora-geral adjunta e especialista na área de menores - revelam, do ponto de vista positivo, que a sociedade portuguesa está cada vez mais intolerante para com os crimes contra crianças.

"Não podemos dizer que há mais casos. A leitura que faço é que há mais sensibilidade para o assunto e que as instituições têm hoje maior capa-

cidade de resposta", disse. A criança em perigo é o tema de um encontro a decorrer sábado em Lisboa, onde será abordada a questão do maltrato infantil, formas e prevenção, assim como o acolhimento e o supremo interesse da criança.

A denúncia dos crimes contra as crianças teve a mesma evolução da violência contra **as mulheres, um crime** que antes era do foro privado e que hoje é, até do ponto de vista penal, da esfera pública.

"Há mais sensibilização para proteger as crianças e nesse aspecto digo que estão menos em perigo", disse, adiantando contudo que há que ter atenção para um novo tipo de perigos, decorrentes da globalização comunicacional.

A luta contra os novos crimes via Internet são um novo desafio para a sociedade portuguesa, **obrigando a uma** atenção redobrada.

# 45 crianças por mês alvo de maus tratos

**Cifra negra** é apenas a estatística da APAV. Haverá mais casos escondidos, apesar da denúncia mais frequente

Mais de 800 crianças e adolescentes foram vítimas de crimes no último ano e meio, uma média de 45 por mês, a avaliar pelas queixas apresentadas na Associação de Apoio à Vítima (APAV). Mas a dimensão do drama será maior.

Maus-tratos físicos e psíquicos, ameaças e coacção, abuso sexual e violação foram alguns dos crimes reportados à APAV entre Janeiro de 2007 e Junho de 2008, uma estatística reveladora do perigo a que muitas crianças estão sujeitas diariamente, principalmente na faixa etária entre os 11 e os 17 anos.

Considera-se que a criança ou jovem está em perigo numa das seguintes situações: está abandonada, sofre maus-tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais, não recebe os cuidados ou afeição adequados à sua idade, é obrigada a actividades ou trabalhos excessivos ou está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional.

De acordo com os dados da APAV, durante o ano passado, 222 crianças foram vítimas de maus-tratos físicos e outras 294 de maus-tratos psicológicos, dez de violação e 36 de abuso sexual. Tudo em contexto doméstico.

Uma estatística mais alargada realizada pela associação e que abrange dados de 2000 a 2007 revela que em sete anos 4900 crianças foram vítimas de 7000 crimes ao longo desses anos. Nesse período, 13 crianças foram mortas,

45 raptadas ou sequestradas, 152 violadas, 63 vítimas de abuso sexual e 20 vítimas de tráfico.

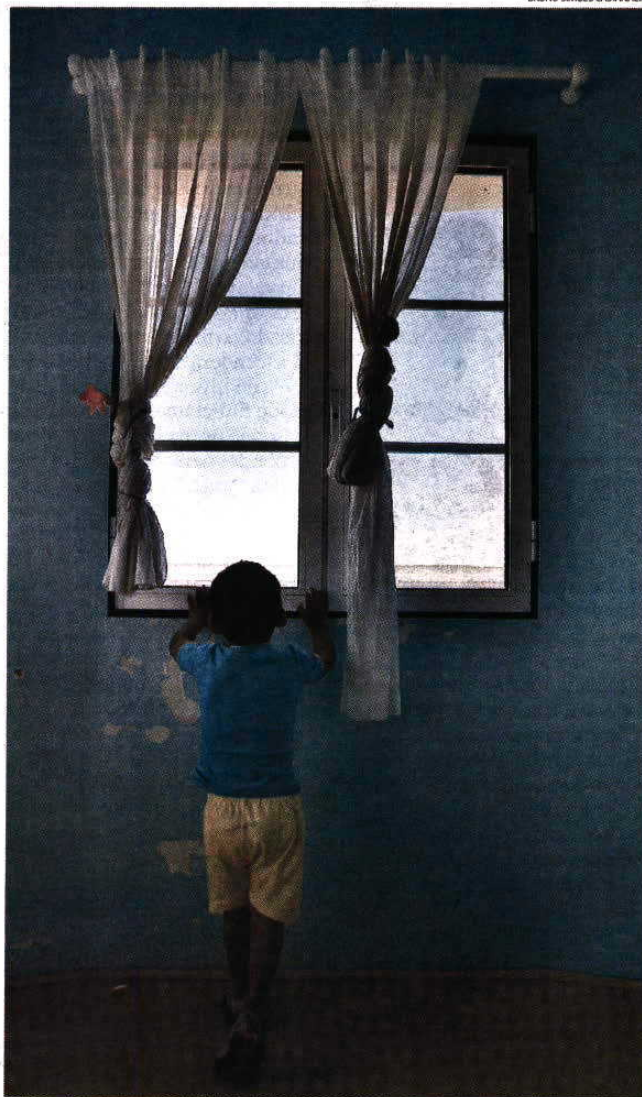
Aos números da APAV poderão somar-se muitos outros, ou talvez os mesmos reportados a várias entidades e organizações portuguesas.

Na Provedoria de Justiça, por exemplo, onde existe uma linha de recados da criança, desde o início do ano já foram recebidas 335 chamadas. Dezoito queixas diziam respeito a abuso sexual, 26 a maus-tratos, 33 a negligência e 29 a problemas escolares.

Segundo os dados da APAV, os 562 casos comunicados em 2007 tiveram o lar por cenário

Estes números, segundo Joana Marques Vidal, procuradora-geral adjunta e especialista na área de menores, revelam também que a sociedade portuguesa está cada vez mais intolerante para com os crimes contra crianças. "Não podemos dizer que haja mais casos. A leitura que faço é que há mais sensibilidade para o assunto e que as instituições têm hoje maior capacidade de resposta", disse à Lusa.

A última estatística da Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa revelou que de Janeiro a Setembro foram registados 390 casos de violência contra crianças nos 42 círculos judiciais.



Linha SOS Criança ajudou em 20 anos mais de 80 mil crianças em risco.

**Crime público mais visível**

**7000**

Crimes contra crianças em sete anos

**335**

CHAMADAS

A linha de recados da criança a funcionar desde Janeiro na Provedoria de Justiça recebeu 335 chamadas.

**152**

VIOLAÇÕES

Foram registadas, segundo as queixas contabilizadas pela APAV entre 2000 e 2007.

Também o Instituto de Apoio à Criança, junto da sua linha SOS criança, recebeu em 20 anos, milhares de pedidos de ajuda. Desde 22 de Novembro de 1988 mais de 80 mil crianças em risco foram ajudadas pela equipa deste serviço.

"O SOS criança tornou-se um serviço de primeira necessidade, à disposição das famílias, crianças, e jovens", disse à Lusa o coordenador do serviço, o psicólogo clínico Manuel Coutinho. Desde 1988 até hoje, a média de chama-

das recebidas por esta linha de ajuda ronda as 3.500 e as quatro mil situações com problemáticas diversas, desde maus tratos físicos, maus tratos nas instituições, negligência, abuso sexual e violação. Ao longo de 20 anos de existência, o SOS Criança ajudou mais de 80 mil crianças em risco. "Muitas destas 80 mil crianças cresceram com os nossos técnicos e hoje são adultos realizados e felizes", afirmou o coordenador da Linha SOS. ■



# Meia centena de crianças vítimas de crime por mês

**INFÂNCIA** Mais de 800 crianças e jovens foram vítimas de crimes nos últimos 18 meses, uma média de 49 por mês, a avaliar pelas queixas apresentadas na Associação de Apoio à Vítima (APAV).

Maus tratos físicos e psicológicos, ameaças e coacção, abuso sexual e violação foram alguns dos crimes reportados à APAV entre Janeiro de 2007 e Junho de 2008, uma estatística reveladora do perigo a que muitas crianças estão sujeitas diariamente, principalmente na faixa etária entre os 11 e os 17 anos.

## 335

chamadas foram recebidas desde o início do ano na linha de recados da criança da Provedoria de Justiça. Dezoito queixas diziam respeito a abuso sexual e 26 a maus tratos

De acordo com os dados da APAV, durante o ano de 2007, 222 crianças foram vítimas de maus tratos físicos e outras 294 de maus tratos psicológicos, dez casos de violação e 36 de abuso se-

xual, tudo em contexto doméstico.

Uma estatística mais alargada realizada pela associação e que abrange dados de 2000 a 2007 revela que em sete anos 4 900 crianças foram vítimas de 7 000 crimes ao longo desses anos. Em sete anos, 13 crianças foram mortas, 45 raptadas ou sequestradas, 152 violadas, 63 vítimas de abuso sexual e 20 vítimas de tráfico.

Tal como noticiou ontem o METRO, também o serviço SOS Criança já ajudou 80 mil crianças em 20 anos de funcionamento.

**METRO**



## Portugueses mais sensíveis às denúncias de crimes infantis

● Nos últimos 18 meses, mais de 800 crianças foram vítimas de maus tratos. Os números, que correspondem a uma média de 49 vítimas por dia, foram divulgados pela Associação de Apoio à Vítima (APAV). A presidente da associação, Joana Marques Vidal, fala de uma “maior sensibilização dos portugueses para a protecção dos direitos dos menores”. De acordo com os dados, durante o ano passado, em contexto doméstico, houve cerca de 200 crianças vítimas de maus tratos físicos, quase 300 de maus tratos psicológicos, 10 casos de violação e 36 de abuso sexual. Para a especialista, não se pode falar num aumento de casos, mas sim numa maior “sensibilidade” e “intolerância para com os crimes contra as crianças” por parte da sociedade portuguesa.

O mau trato infantil, as formas de o prevenir e de proteger os interesses da criança serão tema de discussão no encontro *Crianças em Perigo*, a acontecer amanhã em Lisboa. **Lusa**



## MAIS DE 800 CRIANÇAS VÍTIMAS DE CRIMES

**MAUS-TRATOS** físicos e psíquicos, ameaças e coacção, abuso sexual e violação foram alguns dos crimes reportados à APAV entre Janeiro de 2007 e Junho de 2008, uma estatística reveladora do perigo a que muitas crianças estão sujeitas diariamente, principalmente na faixa etária entre os 11 e os 17 anos.

O tema "Crianças em Perigo" reúne vários especialistas num debate que decorre sábado em Lisboa e no qual será abordada a questão do maltrato infantil, formas e prevenção, assim como o acolhimento e os supremos interesses da criança.

Considera-se que a criança ou jovem está em perigo quando se encontra numa das seguintes situações: Está abandonada, sofre maus-tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais, não recebe os cuidados ou afeição adequados à sua idade, é obri-



gada a actividades ou trabalhos excessivos ou está sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional.

De acordo com os dados da APAV, durante o ano de 2007, 222 crianças foram vítimas de maus-tratos físicos e outras 294 de maus-tratos psicológicos, 10 casos de violação e 36 de abuso sexual. Tudo em contexto

doméstico.

Uma estatística mais alargada realizada pela associação e que abrange dados de 2000 a 2007 revela que em sete anos 4.900 crianças foram vítimas de 7000 crimes ao longo desses anos.

Em sete anos, 13 crianças foram mortas, 45 raptadas ou sequestradas, 152 violadas, 63 vítimas de abuso sexual e 20 vítimas de tráfico.



Telefone: 259 338 120 | Fax: 259 338 122

E-mail: [info@noticiasdevilareal.com](mailto:info@noticiasdevilareal.com) | [publicidade@noticiasdevilareal.com](mailto:publicidade@noticiasdevilareal.com)

Motor de Busca

## Notícias por Assunto

## Última hora

[Artigos de Opinião](#)[Cartoons](#)[Cultura | Agenda](#)[Desporto](#)[Desporto Motorizado](#)[Destques](#)[Educação](#)[Personalidades e Tradição](#)[Política](#)[Região](#)[Suplementos Freguesias](#)

## Vila Real

## Notícias em Arquivo

## Nas Bancas



## Detalhe de Notícia

[Página inicial](#) | [Notícias](#) | [Vila Real](#)

Vila Real | 18-11-2008

## APAV inaugura Centro de Apoio à Integração de Imigrantes em Vila Real

**A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em parceria com o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, inaugura amanhã, dia 19 de Novembro, pelas 15h00, o novo Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes (CLAII).**

O CLAII é um espaço de acolhimento, informação e apoio descentralizado que visa ajudar a responder às questões e problemas que se colocam aos imigrantes. Com capacidade de interacção com estruturas locais, a sua missão vai para além da informação, e visa efectivamente apoiar no acolhimento e integração de imigrantes a nível local.

O novo CLAII localiza-se nas instalações do Governo Civil de Vila Real, no Largo Conde de Amarante, na cidade de Vila Real. O horário de atendimento deste novo serviço é das 10h às 12h e das 14h às 17h.

[Retroceder](#)[Imprimir](#)[Topo Página](#)

**Quotidiano****Mais homicídios domésticos nos Açores**

*Esta é a conclusão dos dados obtidos junto da delegação dos Açores da [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima](#), relativos a 2008.*

O ano de 2008 é o mais negro da história dos Açores no que toca ao número de homicídios domésticos.

Até ao momento, já estão contabilizados 11 casos, sendo as vítimas seis mulheres e cinco homens.

Contactada por este jornal, Helena Costa, da delegação dos Açores da [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima](#), confirma “que os números são preocupantes, principalmente quando pensamos que há cerca de cinco anos não se registava qualquer homicídio doméstico, na Região”.

A crise financeira, entre outros factores, é uma das razões apontada, por esta responsável, como provável para a ocorrência de mais crimes.

Refira-se que, e no caso das mulheres, os homicídios ocorreram nas ilhas de Santa Maria (1), S. Miguel (2), Terceira (1), Faial (1) e Graciosa (1).

Quando comparados com os dados existentes a nível nacional, hoje divulgados pela [UMAR](#) (União das Mulheres Alternativa e Resposta), verifica-se que os Açores são, em 2008, uma das regiões do País com maior índice deste tipo de crimes, sendo suplantada, unicamente, pelas áreas da Grande Lisboa e do Grande Porto, tendo em conta os homicídios do sexo feminino.

JornalDiario

2008-11-19 19:00:00

[Imprimir notícia](#)

20-11-2008

Tiragem: 3100

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Regional

Pág: 5

Cores: Preto e Branco

Área: 10,97 x 4,03 cm<sup>2</sup>

Corte: 1 de 1



## Mais de 800 crianças foram vítimas de maus-tratos no último ano

Mais de 800 crianças e adolescentes foram vítimas de crimes no último ano e meio, uma média de 45 por mês, a avaliar pelas queixas apresentadas na Associação de Apoio à Vítima. Mas a dimensão do drama será maior. Maus-tratos físicos e psíquicos, ameaças e coacção, abuso sexual e violação foram alguns dos crimes reportados à APAV entre Janeiro de 2007 e Junho de 2008, uma estatística reveladora do perigo a que muitas crianças estão sujeitas diariamente, principalmente na faixa etária entre os 11 e os 17 anos.



## APAV denuncia **NAMOROS COM VIOLÊNCIA**

**U**ma em cada quatro relações de namoro na adolescência é marcada por episódios de violência, revelam dados recolhidos pela Universidade do Minho. Um número “muito aquém da realidade, já que se trata apenas de quem de-



cide fazer queixa”, explica Rosa Saavedra, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. ■



# 25% de jovens são vítimas de agressões em fase de namoro

Uma em cada quatro relações de namoro na adolescência é marcada por episódios de violência revela um estudo da Universidade do Minho

LUSA  
Açoriano Oriental

“Insultos, estaladas, gritos, atirar e partir objectos, impedir ou controlar contactos com outros” são os actos mais relatados na tese de doutoramento sobre violência no namoro da psicóloga Sónia Caridade. De acordo com a investigadora da Universidade do Minho (UM), “25,4 por cento dos jovens foram vítimas, pelo menos uma vez, de um acto violento na relação”.

O estudo abrangeu 4.667 jovens entre os 13 e os 29 anos, mas à APAV já chegaram dois pedidos de apoio de crianças de 11 anos. No primeiro semestre de 2008, a associação recebeu seis denúncias, todas de raparigas, entre os 11 e os 17 anos.

Um número “muito aquém da realidade, já que se trata apenas de quem decide fazer queixa”, explicou à Lusa Rosa Saavedra, responsável da APAV. Destas seis vítimas, apenas duas mantinham ainda um relacionamento amoroso quando foram alvo de maus-tratos. A maioria queixou-se de agressões emocionais, a principal forma de violência no namoro.

De acordo com o estudo da UM, um em cada cinco jovens reconheceu ter sido vítima de comportamentos emocionalmente abusivos, apesar da maioria “não perceber esta forma de violência como inadequada”, lembra Carla Machado, orientadora da tese. Actos de controlo por parte do companheiro ainda são vistos como manifestações de ciúme e confundidos com “provas de



Fenómeno que sobe agora à luz do dia, revelador de que algo está menos bem

EDUARDO RESENDES

amor”. Muitas vezes, a noção de gravidade do acto está condicionada a ocorrer ou não num local público, explica Carla Machado: “Os insultos são tomados como uma brincadeira, mesmo sendo muito humilhantes e recorrentes. Mas quando acontecem em frente a outras pessoas passam a ser mais valorizadas”.

Segundo as investigadoras, também os comportamentos físicos abusivos são muitas vezes desculpabilizados. “Não quer dizer que eles os percebam como correctos, mas não lhes atribuem grande gravidade ou valorização”,

lamentou Carla Machado. O estudo revela existirem “18 por cento de jovens vítimas deste crime”, lembrou Sónia Caridade.

Já quando se fala em “muros, sovas e pontapés e ameaças com armas, todos os jovens percebem que isto é inadequado”, lembrou a orientadora do estudo, que detectou existirem 6,7 por cento de jovens alvo destes comportamentos.

Pelo cruzamento dos dados é possível perceber que muitos destes actos são isolados, “acontecem uma ou duas vezes”, mas existe também “um número

substancial de jovens que relatam várias formas de violência”, acrescenta.

Sobre os agressores, os números são ainda mais elevados, já que 30,6 por cento dos inquiridos admitiram ter sido responsáveis por actos de violência. Segundo Sónia Caridade, um em cada cinco assumiu ter exercido abuso emocional, mas também há muitos casos de violência física (13,4 por cento). A psicóloga sublinha ainda que 7,3 por cento dos inquiridos reconheceram mesmo ser autores de actos de “violência física severa”.||



# Violência no namoro atinge jovens cada vez mais cedo

Uma em cada quatro relações de namoro na adolescência é marcada por episódios de violência, revela um estudo da Universidade do Minho. À Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) chegaram este ano denúncias de meninas de 11 anos.

“Insultos, estaladas, gritos, atirar e partir objectos, impedir ou controlar contactos com outros” são os actos mais relatados na tese de doutoramento sobre violência no namoro da psicóloga Sónia Caridade.

De acordo com a investigadora da Universidade do Minho (UM), “25,4% dos jovens foram vítimas, pelo menos uma vez, de um acto violento na relação”.

O estudo abrangeu 4.667 jovens entre os 13 e os 29 anos, mas à APAV já chegaram dois pedidos de apoio de crianças de 11 anos. No primeiro semestre de 2008, a associação recebeu seis denúncias, todas de raparigas, entre os 11 e os 17 anos.

Um número “muito aquém da realidade, já que se trata apenas de quem decide fazer queixa”, explicou à Lusa Rosa Saavedra, responsável da APAV. Destas seis vítimas, apenas duas mantinham ainda um relacionamento amoroso quando foram alvo de maus-tratos. A maioria queixou-se de agressões emocionais, a principal forma de violência no namoro.

De acordo com o estudo da UM, um em cada cinco jovens reconheceu ter sido vítima de comportamentos emocionalmente abusivos, apesar de a maioria “não perceber esta forma

de violência como inadequada”, lembra Carla Machado, orientadora da tese. Actos de controlo por parte do companheiro ainda são vistos como manifestações de ciúme e confundidos com “provas de amor”.

Muitas vezes, a noção de gravidade do acto está condicionada a ocorrer ou não num local público, explica Carla Machado: “Os insultos são tomados como uma brincadeira, mesmo sendo muito humilhantes e recorrentes. Mas quando acontecem em frente a outras pessoas passam a ser mais valorizadas”.

Segundo as investigadoras, também os comportamentos físicos abusivos são muitas vezes desculpabilizados. “Não quer dizer que eles os percebem como correctos mas não lhes atribuem grande gravidade ou valorização”, lamentou Carla Machado. O estudo revela existirem “18% de jovens vítimas deste crime”, lembrou Sónia Caridade.

Já quando se fala em “murros, sovas e pontapés e ameaças com armas, todos os jovens percebem que isto é inadequado”, lembrou a orientadora do estudo que detectou existirem 6,7% de jovens alvo destes comportamentos.

Pelo cruzamento dos dados é possível perceber que muitos destes actos são isolados, “acontecem uma ou duas vezes”, mas existe também “um número substancial de jovens que relatam várias formas de violência”, acrescenta.

Sobre os agressores, os números são ainda mais elevados, já que

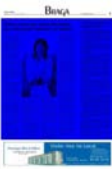


30,6% dos inquiridos admitiram ter sido responsáveis por actos de violência. Segundo Sónia Caridade, um em cada cinco assumiu ter exercido abuso emocional, mas também há muitos casos de violência física (13,4%). A psicóloga sublinha ainda que 7,3% dos inquiridos reconheceu mesmo ser autor de actos de “violência física severa”.

Outro dos temas abordados, mas não tão aprofundado na tese, foi a violência sexual: “A não ser quando ela envolve actos de maior gravidade, esta não é percebida pelos jovens

como forma de violência”, garantiu Carla Machado, dando como exemplo situações de “pressão, coacção ou carícias indesejadas” que tendem a ser desvalorizadas.

Estudos internacionais indicam que há uma tendência para que esses comportamentos agressivos se agravem ao longo do tempo. Segundo Carla Machado, apenas “um pequeno grupo de vítimas põe fim a estas situações”. A esperança de conseguir mudar a outra pessoa permite muitas vezes que estas histórias se prolonguem no casamento.



# Vinte e cinco por cento dos jovens são vítimas de violência no namoro

Uma em cada quatro relações de namoro na adolescência é marcada por episódios de violência, revela um estudo da Universidade do Minho. À Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) chegaram este ano denúncias de meninas de 11 anos.

«Insultos, estaladas, gritos, atirar e partir objectos, impedir ou controlar contactos com outros» são os actos mais relatados na tese de doutoramento sobre violência no namoro da psicóloga Sónia Caridade.

De acordo com a investigadora da Universidade do Minho (UM), «25,4 por cento dos jovens foram vítimas, pelo menos uma vez, de um acto violento na relação».

O estudo abrangeu 4.667 jovens entre os 13 e os 29 anos, mas à APAV já chegaram dois pedidos de apoio de crianças de 11 anos. No primeiro semestre de 2008, a associação recebeu seis denúncias, todas de raparigas, entre os 11 e os 17 anos.

Um número «muito aquém da realidade, já que se trata apenas de quem decide fazer queixa», explicou à Lusa Rosa Saavedra, responsável da APAV. Destas seis vítimas, apenas duas mantinham ainda um relacionamento amoroso quando foram alvo de maus-tratos. A maioria queixou-se de agressões emocionais, a principal forma de violência no namoro.

De acordo com o estudo da UM, um em cada cinco jovens reconheceu ter sido vítima de comportamentos emocionalmente abusivos, apesar de a maioria «não perceber esta for-



A tese de Sónia Caridade é sobre violência no namoro

ma de violência como inadequada», lembra Carla Machado, orientadora da tese. Actos de controlo por parte do companheiro ainda são vistos como manifestações de ciúme e confundidos com «provas de amor».

Muitas vezes, a noção de gravidade do acto está condicionada a ocorrer ou não num local público, explica Carla Machado: «os insultos são tomados como uma brincadeira, mesmo sendo muito humilhantes e recorrentes. Mas quando acontecem em frente a outras pessoas passam a ser mais valorizados».

Segundo as investigadoras, também os comportamentos físicos abusivos são muitas vezes desculpabilizados. «Não quer dizer que eles os percebam como correctos mas não lhes atribuem grande gravidade ou valorização», lamentou Carla Machado. O estudo revela existirem «18 por cento de jovens vítimas deste crime», lembrou Sónia Caridade.

Já quando se fala em «muros, sovas e pontapés e ameaças com armas, todos os jovens percebem que isto é inadequado», lembrou a orientadora do estudo que detectou existirem

6,7 por cento de jovens alvo destes comportamentos.

Pelo cruzamento dos dados é possível perceber que muitos destes actos são isolados, «acontecem uma ou duas vezes», mas existe também «um número substancial de jovens que relatam várias formas de violência», acrescenta.

Sobre os agressores, os números são ainda mais elevados, já que 30,6 por cento dos inquiridos admitiram ter sido responsáveis por actos de violência. Segundo Sónia Caridade, um em cada cinco assumiu ter exercido abuso emocional, mas também há muitos casos de violência física (13,4 por cento). A psicóloga sublinha ainda que 7,3 por cento dos inquiridos reconheceu mesmo ser autor de actos de «violência física severa».

Outro dos temas abordados, mas não tão aprofundado na tese, foi a violência sexual: «a não ser quando ela envolve actos de maior gravidade, esta não é percebida pelos jovens como forma de violência», garantiu Carla Machado, dando como exemplo situações de «pressão, coacção ou carícias indesejadas» que tendem a ser desvalorizadas.

Estudos internacionais indicam que há uma tendência para que esses comportamentos agressivos se agravem ao longo do tempo. Segundo Carla Machado, apenas «um pequeno grupo de vítimas põe fim a estas situações». A esperança de conseguir mudar a outra pessoa permite muitas vezes que estas histórias se prolonguem no casamento.

Lusa

## «Todos temos uma loucura e eu tenho a minha»

Aos 18 anos, Maria esteve refém no quarto e foi várias vezes perseguida e ameaçada. O agressor era o namorado: «sempre houve um ciúme exacerbado. No início soa a amor e até sabe bem, mas depois... é um terror».

Maria (nome fictício) tinha 17 anos e apaixonou-se por «um homem mais velho, lindo». «Era um deslumbramento. No início, ele quase estendia um tapete vermelho para eu passar», recorda.

Um ano depois, Jorge (nome fictício) deixou o emprego em Lisboa e mudou-se para Coimbra, para ficar perto dela: era mais um sinal de amor. Mas foi esta proximidade diária que fez com que Maria sentisse que algo de errado se passava.

«Tinha de explicar por que é que estava a falar com esta ou outra pessoa, por que é que tinha ido aqui ou ali. Tinha que justificar tudo», lembra, 15 anos depois, quando já consegue contar a história sem chorar.

Maria foi-se afastando dos amigos e da família, deixou de ter vida social, sentia-se «numa redoma». Um dia percebeu que não queria continuar, mas ele já conhecia todas as suas rotinas e «tornou-se claustrofóbico».

Terminou a relação e passou a ser perseguida diariamente pelo ex-namorado, que «fazia escândalos na rua» e «ficava noites inteiras» à porta de sua casa. «Começava a bater à porta às dez da noite e, com vergonha dos vizinhos, acabava por deixá-lo entrar. Quando ele percebia que as minhas colegas não estavam, fechava-se no meu quarto».

Maria passava a noite com ele. «Ele obrigava-me a estar na cama e a ter relações sexuais sem querer. Era os píncaros da loucura. Não era uma violação, mas na verdade eu não o queria fazer. Era uma mistura de sentimentos, de amor e repulsa ao mesmo tempo e, no fim, acabamos por ceder de uma forma que não é normal», recorda, lembrando que foi com ele que perdeu a virgindade.

Maria sentia-se «sozinha», «tinha vergonha» de assumir perante os outros que tinha escolhido mal o primeiro homem da sua vida e, no desespero, tentou o suicídio. «Eu não queria morrer, queria apenas que aquela loucura acabasse, nem que fosse por algumas horas», recorda.

Foram os amigos que a «salvaram», a «melhor amiga» que esteve com ela nos momentos difíceis, os colegas que chamaram a polícia quando ele não a largava.

«Apanhava-me na rua, agarrava-me no braço e nem a polícia conseguia que ele me largasse. Diziam que não podiam fazer nada porque eu não fazia queixa formal. Quando ele se distraía, fugia e era acompanhada pela polícia até casa, para garantir que ele não me iria fazer mal», recorda.

A perseguição só acabou quando Jorge foi internado no Hospital psiquiátrico Sobral Cid, depois de se tentar suicidar, uma fórmula para a forçar a ficar com ele. Durante muito tempo, Maria tinha recorrentemente o mesmo pesadelo: «passava a noite a sonhar que estava em fuga. Era um trauma da violência física que fui alvo».

Nos apontamentos da faculdade, ele deixou-lhe um recado que Maria só viu anos mais tarde: «todos temos uma loucura e eu tenho a minha».

Redacção/Sílvia Maia – Lusa



O caso de Branca e Jacinto em "Flor do Mar"



**MAIORIA DAS MULHERES, VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA, SÃO AGREDIDAS PELOS MARIDOS**

## 0 perigo mora... em casa!

*A propósito do Dia Internacional da Violência Contra as Mulheres, a 23 de Novembro, a Maria dá-lhe a conhecer a dura realidade de muitas portuguesas.*

**B**RANCA é uma mulher bonita, mas marcada por uma vida dura e por um casamento infeliz com **Jacinto**. No fundo, ele até ama a mulher com quem casou e tem três filhos, mas não se coíbe de descarregar nela todas as suas frustrações, quando o álcool se apodera do seu corpo. Os maus tratos e agressões já fazem parte do dia-a-dia de Branca que, para honrar os votos de casamento, há muito prometidos, aguenta resignada o futuro que Deus lhe reservou. Branca é a personagem

interpretada por Julie Sargeant em **Flor do Mar**, a nova novela da TVI, mas a sua história de sofrimento é igual à de tantas outras mulheres que são vítimas de violência, na vida real. O agressor pode ser o homem com quem partilham a mesma cama, mas também pode ser um simples desconhecido com quem tiveram o azar

de cruzar o seu caminho. No entanto, em Portugal, os números não enganam: no ano passado, em 65,7 por cento dos casos de violência denunciados às autoridades, o autor do crime era o cônjuge ou o companheiro das vítimas! Aliás, se folhear os jornais mais atentamente, ou visionar os noticiários televisivos, irá aperceber-se de que todos os dias uma mulher

**A**  
**agressividade**  
**entre as pessoas**  
**aumenta a partir do**  
**momento em que**  
**a intimidade**  
**cresce!**

### Há vítimas **TODOS OS DIAS...**

● **30 de Outubro** – Fátima Pereira, de 31 anos, foi abatida a tiro pelo ex-marido, quando estava em casa com o novo companheiro. O agressor abriu a porta do quarto e disparou três tiros à queima-roupa. Os primeiros dois sobre o companheiro de Fátima Pereira e o último na

testa dela. No quarto ao lado, os filhos do casal ouviram os disparos e os gritos da mãe!

● **6 de Novembro** – Alice Marques, de 64 anos e residente em Vouzela, foi espancada e violada por um jovem de 19 anos que, no final, ainda lhe roubou 15 euros



é notícia por ter sido maltratada, violada ou, na pior das hipóteses, assassinada por alguém bastante próximo. Mas quais as razões que levam o homem, com quem escolhemos ficar para toda a vida, a ter estas atitudes nada românticas?

### Responsabilidade não é só dos homens!

Para se compreender a agressão de um homem a uma mulher é necessário primeiramente perceber o desenvolvimento das emoções. Segundo o psicólogo clínico Américo Baptista,

do bolso e deixou-a abandonada no meio de uma mata.

- **8 de Novembro** – O corpo de Margarida Marques, de 37 anos, foi encontrado sem cabeça e sem uma perna, e em avançado estado de decomposição, num pinhal em Faro.

## ESPECIAL

### Pessoas estão MAIS INFORMADAS

De acordo com Elsa Beja, assessora de secretariado executivo para a estatística e qualidade da APAV, é precipitado afirmar-se que o número de mulheres vítimas de violência está a aumentar no nosso País. E a razão é só uma: mais informação!

**“Não podemos afirmar que há efectivamente um aumento da violência ou que há mais agressores. O que temos noção é que as pessoas estão mais informadas e, como tal, procuram mais os nossos serviços”,** explica Elsa Beja. De facto, actualmente, são poucas as pessoas que não sabem da existência de pelo menos uma associação de apoio às vítimas deste crime. Ainda assim, a revista **Maria** deixa aqui o contacto da APAV: 707 20 00 77.

### Nível de ensino do autor do crime

A ideia de que a prática deste crime ocorre geralmente no seio de famílias carenciadas e de poucas habilitações literárias corresponde cada vez menos à verdade. No primeiro semestre de 2008, os agressores com o “canudo” na mão estão já em maioria!

	2007	2008
● Pré-escolar	0,1%	0,2%
● 1º Ciclo	5,6%	5,3%
● 2º Ciclo	4,9%	4,7%
● 3º Ciclo	5,5%	5,7%
● Ensino secundário	5,3%	6%
● Curso esp. Tecnológica	0,8%	0,5%
● Ensino superior	5,5%	8,4%
● Ensino especial	0,1%	0,1%
● Sabe ler/escrever	0,6%	1%
● Não sabe ler/escrever	0,6%	0,4%
● Não sabe/Não responde	71%	67,9%

Fonte: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)

47/08/Maria – Infografia Impala/Mónica Santos

(Continua na página seguinte)

- **8 de Novembro** – Em Angra do Heroísmo, uma mulher, de 29 anos, foi alvejada pelo companheiro, de 35 anos, com um arpão no peito, em plena via pública. Movido pelos ciúmes, o agressor tentou matar a mulher que, felizmente, sobreviveu.

(Continuação do página anterior)

## Agressores são vistos COMO HERÓIS!

“o desenvolvimento das emoções tem a ver com uma emoção fundamental: o ciúme! O que acontece é que, nos casos de violência doméstica, há sempre algo relacionado com sexo, paixão ou desconfiança. Portanto, são estes factores que estão na sua base.” Este tipo de crimes nasce fundamentalmente de factores emocionais, mas não são os únicos. “Também há uma falta de controlo dos impulsos que, muitas vezes, está associada à utilização de

substâncias, das quais a mais vulgar é o álcool”, acrescenta o psicólogo clínico. Para além disso, a sociedade portuguesa também tem uma palavra a dizer nesta matéria. De acordo com o dr. Américo Baptista, “é permissível, socialmente, os homens agredirem as mulheres!” E dá um exemplo: “o rapaz que se gaba que foi agressivo para a namorada é provavelmente muito mais reconhecido no meio dos outros colegas do que aquele que é

mais tranquilo. Aquele que disse que deu uma palmada na namorada é visto como um herói!”

No entanto, a responsabilidade destes actos violentos não pode ser unicamente atribuída ao sexo masculino. “Muitas vezes, os homens são violentos quando há alguma desconfiança a propósito da sexualidade ou da fidelidade. E também há mulheres que provocam este tipo de cólera propositalmente”, explica o psicólogo clínico.



“Há mulheres que provocam este tipo de cólera”, diz o psicólogo.

### Quinze mil agressões

Em 2007, foram cometidos quase 15 mil crimes e as vítimas foram maioritariamente mulheres, com idades compreendidas entre os 26 e os 55 anos. No primeiro semestre de 2008, já foram registados 7803 crimes de violência doméstica.



Fonte: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)

47/08/Maria -- Infografia Impala/Mónica Santos

- **9 de Novembro** – Maria Rodrigues, de 54 anos e residente em Amares, foi estrangulada e asfixiada até à morte. O principal suspeito do homicídio é o ex-marido, já que ninguém sabe do seu paradeiro e os vizinhos garantem que a vida do casal sempre foi marcada por

sucessivos actos de violência.

- **9 de Novembro** – Uma idosa de 83 anos foi agredida violentamente por um homem de 53 anos, em Miranda do Douro. A vítima encontrava-se a podar uma vinha, quando o agressor a tentou violar.



## Fenómeno está a mudar em Portugal

A ideia de que a violência só existe no seio de famílias pobres não podia estar mais errada. **"É um fenómeno transversal e não é específico das camadas mais desfavorecidas nem das mais altas, mesmo a nível de grau de ensino. Essa ideia pré-concebida de que tais realidades só acontecem em famílias mais desfavorecidas é errónea"**, garante a assessora de secretariado executivo para a estatística e qualidade da APAV. A verdade é que tanto as vítimas como os autores do crime com "canudo" estão a aumentar, em Portugal. Só no primeiro semestre de 2008, o número de agressores licenciados subiu de 5,5 para 8,4 por cento! No entanto, o dr. Américo Baptista atribui a responsabilidade destes números ao facto de existirem cada vez mais licenciados, no nosso país, e não ao facto destes terem **"uma característica de agressividade maior do que o habitual"**.

## Relação do autor do crime com a vítima

Tanto em 2007 como no primeiro semestre de 2008, o agressor encontra-se normalmente no seio da família da vítima. Os cônjuges ou companheiros são os principais autores de crimes de violência doméstica.



Fonte:  
Associação  
Portuguesa  
de Apoio  
à Vítima  
(APAV)

● **9 de Novembro** – Nas Caldas da Rainha, Josélia Vitor saía de casa pela manhã, quando foi interpelada por um assaltante. A mulher, de 68 anos, foi picada com uma seringa, arrastada pelo chão durante 20 metros e agredida a pontapé pelo ladrão, que se pôs em fuga

com mais 10 euros na mão.

● **10 de Novembro** – Fabíola Silva, de 30 anos, foi assassinada com duas facadas no peito pelo ex-companheiro de sete anos. O crime aconteceu numa estação de serviço na Galiza, quando a vítima foi buscar a filha de ambos.

# Fernanda Cândia:

## O bom exemplo

Dialogar – falar, trocar, conhecer, debater, pensar – é decerto o melhor antídoto contra a discriminação. A ideia era essa: uma plateia de jovens de escolas secundárias, um painel de membros/representantes de grupos tradicionalmente discriminados e uma conversa participada. Entre os 16 e os 17 anos, os estudantes do 12.º de duas escolas privadas e uma pública tinham dezenas de questões para colocar. Após dois oradores falarem sobre o que é ser cigano e sobre o que é ser homossexual, choveram as intervenções. Em perfeita ordem, com braços no ar, declinação de nome e idade, os alunos iam levantando dúvidas, contradizendo respostas, contrapondo argumentos.

«Se os ciganos não querem ser discriminados, não devem discriminar»; «Se querem ter direitos, têm de ter deveres»; «Vieram viver para Portugal, têm de respeitar as nossas leis»; «Devem pagar impostos como toda a gente»;

«O casamento dos homossexuais não inclui a adopção? Se incluir sou contra»; «As crianças precisam de um pai e de uma mãe»; «Porque é que se coloca a questão de as crianças ficarem homossexuais se forem criadas por homossexuais, se os homossexuais em princípio nasceram de heterossexuais e foram criados por heterossexuais? Não percebo». Se a maioria das intervenções indiciava uma atitude que se pode considerar discriminatória, imperava um tom dialogante e empático. Organizado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o debate parecia um sucesso. Não porque fosse óbvio que os jovens saíam dali com ideias completamente novas sobre «o outro» e uma consciência diferente em relação às suas

atitudes, palavras e preconceitos, mas porque estavam a exprimir e confrontar os seus pontos de vista – e era essa a ideia. O primeiro round de perguntas estava quase a terminar, para se seguir a intervenção de uma representante da Associação da Guiné e mais uma série de questões, quando uma das professoras que acompanhava as turmas tomou a palavra. Fê-lo sem seguir o protocolo vigente – não levantou o braço, não disse o nome nem de que escola era – e assumindo uma postura de exaltada autoridade. A um dos membros do painel afiançou que não estava a responder a nada do que os miúdos perguntavam sobre os ciganos; a outro, que os estudos que citara sobre crianças criadas por casais do mesmo sexo e que indicariam a ausência de consequências adversas não queriam dizer nada porque havia outros que diziam o contrário. Um dos membros do painel chamou a atenção da professora para a sua agressividade inusitada e solicitou-lhe que identificasse os estudos que invocava. A professora devolveu a acusação de agressividade e quando a moderação do painel tentou acalmar os ânimos e impor o silêncio ignorou-a e continuou a falar. Acabou por se levantar e, assegurando não ter ido «ali» para «ser insultada», ordenou aos seus alunos que a seguissem: «Filhotes, vamos embora.» Os jovens, que assistiam à cena estupefactos, acabaram por segui-la. Alguns ficaram para trás, assegurando aos membros do painel que teriam gostado de ficar para ouvir o resto e que não sabiam o que se tinha passado com a professora. Fizeram-no com simpatia e constrangimento: «Não percebemos o que lhe deu.»

Qualquer generalização é abusiva, e esta história, que se passou com uma professora de uma escola privada, só é narrada pelo seu carácter de parábola. Não será felizmente todos os dias que um professor assume, de uma forma tão óbvia, o ónus de dar o pior dos exemplos, demonstrando não só uma total ausência de espírito pedagógico como uma estranha incapacidade de respeitar as mais elementares regras de boa educação. Mas haver alguém assim com a incumbência de educar e orientar, alguém sem capacidade de ceder o palco aos alunos e de os deixar pensar por eles, alguém cuja desadequação para o cargo é tão enorme que nem se coíbe de fazer disso espectáculo, é mesmo muito preocupante. «





INVISUAL FOI UMA DAS MULHERES QUE APRESENTARAM QUEIXA NA SEMANA PASSADA

# Agressão cega em casa

Violência doméstica continua a florescer em Portugal. Uma das vítimas é invisual e o seu agressor um sargento da Marinha. As vítimas vivem aterrorizadas

Texto • Carlos Tomás

**V**idas, de terror. Duas mulheres, uma residente na Charneca de Caparica (Almada) e a outra no Cacém (Sintra), apresentaram queixas à PSP, na passada semana, por serem quase diariamente espancadas pelos companheiros.

Ambas deixaram as casas onde viviam e refugiaram-se em residências de familiares, para onde levaram os filhos. Mesmo assim, dizem, vivem diariamente em pânico e são constantemente assediadas pelos agressores. Acusam o Estado de não lhes dar apoio e protecção.

"Não tenho apoio nenhum. A única ajuda são 198 euros de pensão social que mal chegam para pagar a alimentação e os estudos do meu filho", disse ao 24horas Maria Alice (nome fictício), uma mulher de 34 anos, amblíope e com cegueira noc-



Nem Maria Alice, cega, escapou às agressões dentro de quatro paredes

turna, que diz passar os dias aterrorizada com as ameaças que lhe são feitas pelo companheiro de quem fugiu, estando neste momento a receber tratamento psiquiátrico que lhe foi fornecido por uma instituição privada.

## Abusos na infância

Alice diz ter sido violada aos 8 anos por um vizinho com mais de 70. Quando completou 11 anos foi abu-

sada por um primo.

"Gritei e a minha tia apeteceu. Lavei-me dezenas de vezes", recorda com mágoa.

Aos 16 anos, Maria Alice juntou-se com um homem 39 anos mais velho, sargento da Marinha, de quem se separou porque ele exigia serviços sexuais e a agredia quando ela recusava.

"Nunca mais me deixou em paz. Tem-me perseguido e ameaçado. Refugiei-me na

casa dos meus pais com o meu filho, de nove anos, mas nem ali estou segura. Já apresentei queixa à polícia mas disseram-me que só podiam abrir um inquérito que poderá levar anos a ficar concluído. Estou a sofrer e a minha família também, sobretudo o meu filho", diz.

## Sovas todos os dias

Alzira Cunha, 40 anos, é outra vítima. Na margem

oposta do rio Tejo, apresentou queixa, também na passada semana, contra o companheiro, trabalhador na construção civil, na esquadra da PSP do Cacém.

Tem três filhos – dois gémeos de três anos e uma menina de sete – mas a sua vida tem sido tudo menos de sonho.

"Ele batia-me todos os dias e à frente dos meninos. A murro, pontapé e com

## números



4699

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou, nos primeiros seis meses deste ano, 4699 casos de violência doméstica, o que representa um aumento de 8,5 por cento em relação a igual período do ano passado. Lisboa, Porto e Cascais foram as zonas do País onde se deram mais denúncias.

3659

Das queixas que chegaram à APAV durante os primeiros seis meses de 2008, as autoridades concluíram que 78 por cento apresentavam indícios da prática de crimes. Entre eles encontram-se a violência doméstica e crimes contra as pessoas e a humanidade (tráfico humano).

aquilo que estivesse à mão. Isto durou anos e só agora ganhei coragem para denunciar a situação. Prometeram que me vão levar para uma casa de acolhimento [da Associação Portuguesa de Protecção à Vítima], mas ainda estou à espera. Não ganho nada e não tenho qualquer ajuda do Estado. Felizmente há pessoas que me têm ajudado", diz Alzira, de origem angolana e radicada há mais de 30 anos em Portugal.

"Só quero que ele me deixe em paz, a mim e aos meus filhos. Já chega o que sofri. Não quero que os meus filhos sejam educados na companhia de um homem assim". ■



## Violência no namoro: 25% das jovens são vítimas de agressões

**U**ma em cada quatro relações de namoro na adolescência é marcada por episódios de violência, revela um estudo da Universidade do Minho. À Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) chegaram este ano denúncias de meninas de 11 anos.

"Insultos, estaladas, gritos, atirar e partir objectos, impedir ou controlar contactos com outros" são os actos mais relatados na tese de doutoramento sobre violência no namoro da psicóloga Sónia Caridade.

De acordo com a investigadora da Universidade do Minho (UM), "25,4 por cento dos jovens foram vítimas, pelo menos uma vez, de um acto violento na relação".

O estudo abrangeu 4.667 jovens entre os 13 e os 29 anos, mas à APAV já chegaram dois pedidos de apoio de crianças de 11 anos. No primeiro semestre de 2008, a associação recebeu seis denúncias, todas de raparigas, entre os 11 e os 17 anos.

Um número "muito aquém da realidade, já que se trata apenas de quem decide fazer queixa", explicou Rosa Saavedra, responsável da APAV. Destas seis vítimas,

apenas duas mantinham ainda um relacionamento amoroso quando foram alvo de maus-tratos. A maioria queixou-se de agressões emocionais, a principal forma de violência no namoro.

De acordo com o estudo da UM, um em cada cinco jovens reconheceu ter sido vítima de comportamentos emocionalmente abusivos, apesar de a maioria "não perceber esta forma de violência como inadequada", lembra Carla Machado, orientadora da tese. Actos de controlo por parte do companheiro ainda são vistos como manifestações de ciúme e confundidos com "provas de amor".

Muitas vezes, a noção de gravidade do acto está condicionada a ocorrer ou não num local público, explica Carla Machado: "Os insultos são tomados como uma brincadeira, mesmo sendo muito humilhantes e recorrentes. Mas quando acontecem em frente a outras pessoas passam a ser mais valorizadas".

Segundo as investigadoras, também os comportamentos físicos abusivos são muitas vezes desculpabilizados. "Não quer dizer que eles os percebam como correctos mas não lhes atribuem

grande gravidade ou valoração", lamentou Carla Machado. O estudo revela existirem "18 por cento de jovens vítimas deste crime", lembrou Sónia Caridade.

Já quando se fala em "murros, sovas e pontapés e ameaças com armas, todos os jovens percebem que isto é inadequado", lembrou a orientadora do estudo que detectou existirem 6,7 por cento de jovens alvo destes comportamentos.

Pelo cruzamento dos dados é possível perceber que muitos destes actos são isolados, "acontecem uma ou duas vezes", mas existe também "um número substancial de jovens que relatam várias formas de violência", acrescenta.

Sobre os agressores, os números são ainda mais elevados, já que 30,6 por cento dos inquiridos admitiram ter sido responsáveis por actos de violência. Segundo Sónia Caridade, um em cada cinco assumiu ter exercido abuso emocional, mas também há muitos casos de violência física (13,4 por cento). A psicóloga sublinha ainda que 7,3 por cento dos inquiridos reconheceu mesmo ser autor de actos de "violência física severa".



APAV: Grey faz campanha de sensibilização

 [imagem](#)

## APAV: Grey faz campanha de sensibilização

2008/11/25

Natividade Simões

«Há marcas que ninguém deve usar» é o headline da campanha que a Grey criou para a APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, no âmbito do Dia Internacional Contra a Violência contra as Mulheres, e que hoje começa a ser divulgada nos meios.

Trata-se de uma acção de sensibilização que visa reforçar a consciencialização das pessoas para o problema da violência doméstica, que nos dias de hoje atinge todas as camadas sociais.

Este alerta é veiculado através do trabalho, intitulado «Moda» desenvolvido pela Grey \_ um spot televisivo e três anúncios de imprensa \_ bem como um evento que hoje vai assinalar o arranque da campanha.

Hoje, Dia Internacional Contra a Violência contra as Mulheres, a campanha da APAV vai ser apresentada no decorrer de um desfile de moda no Museu da Electricidade. Numa alusão ao tema da violência as modelos apresentar-se-ão com alguns hematomas fictícios no corpo para criar a ligação ao conceito publicitária do trabalho desenvolvido pela Grey.

Este projecto, para além da agência de publicidade, conta ainda com o apoio da Modalfa, da Fundação EDP, e da Media Consulting.

25-11-2008

Tiragem: 166679

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 17

Cores: Cor

Área: 3,71 x 6,97 cm²

Corte: 1 de 1



**LILIANA CAMPOS**

## Modelos contra a violência



■ A modelo Liliana Campos apresenta hoje o desfile da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, no Museu da Electricidade, em Lisboa.



## MARGEM DIREITA

# 43 vidas



**Teresa Caeiro**  
Deputada do CDS-PP

**J**ulgamos que o desprezo pela dignidade humana só acontece no Congo ou noutros locais recônditos do Mundo. Mas não é assim. A barbárie existe entre nós, sob a forma de um crime repugnante que é a violência doméstica. Um crime sórdido que não escolhe idades, nem estratos sociais; um crime inaceitável entre pessoas que têm, ou tiveram, laços de afecto; um crime perverso que ocorre no silêncio da intimidade, de forma continuada, até à aniquilação física ou psíquica da vítima; um crime covarde exercido sobre as mulheres. Sim, esmagadoramente sobre mulheres.

E hoje, Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, vemos o longo caminho ainda a percorrer na luta contra este crime e na protecção das suas vítimas. Em 2008, a lei, as instituições, a sociedade, não foram capazes de evitar que 43 mulheres fossem cruelmente assassinadas pelos seus actuais ou antigos cônjuges, companheiros, namorados. Houve 64 mulheres que conseguiram escapar à tentativa de homicídio. Até finais de Outubro, 23 427 ocorrências foram registadas pela PSP e GNR, mas quantas outras não o foram? Quantas mulheres não tiveram condições para pedir socorro? Quantas outras não terão, sequer, cons-

ciência de que são vítimas de um crime, aceitando a sua condição com uma resignação socialmente aprovada? Afinal, a resignação é geral: apenas um homem está a cumprir pena de prisão pelo crime de violência doméstica. Um só.

E quantas mulheres poderiam ter sido salvas se Portugal dispusesse de um sistema adequado de protecção às vítimas? Salvo o extraordinário trabalho da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, cuja procura aumenta todos os anos ([www.apav.pt](http://www.apav.pt)), o

empenho da UMAR e a rede de casas-abrigo, não existe um sistema integrado de protecção que seja accionado sempre que uma vítima é sinalizada. Acresce que a Justiça é lenta e a lei profundamente dissuasora para a vítima, exigindo-lhe uma difícil apresentação de provas. Por outro lado, o agressor raramente pode ser detido, permanecendo junto da

vítima até ser marcada audição com o juiz. A questão é demasiado séria para o confronto partidário, mas quando o CDS propôs, em Setembro, que se alterasse o Código de Processo Penal de forma a facilitar a detenção do agressor fora de flagrante delito, o Governo rejeitou tal hipótese liminarmente. Vem agora, oportunamente, propor a mesmíssima medida e reapresentar outras. Mais vale tarde do que nunca.

---

**“Quantas mulheres poderiam ter sido salvas se Portugal dispusesse de um sistema adequado de protecção às vítimas”**

---



### "HÁ MARCAS QUE NINGUÉM DEVE USAR"

À primeira vista, trata-se de mais uma produção de moda, com modelos em poses cheias de 'glamour' e descrição das várias peças que usa. Mas na imagem há sempre uma marca que se destaca pela negativa, uma marca de violência. Este é o conceito criativo da campanha de publicidade desenvolvida pela Grey para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que arranca hoje. O objectivo de "Moda" é mostrar que o problema da violência doméstica é transversal a todas as camadas da população e não deve ser encarado como acto banal. O plano de meios inclui um filme de televisão e três anúncios de imprensa.



Flagelo atinge mulheres, crianças e seniores

# Hoje comemora-se 'Dia Mundial da Violência Doméstica'

SM

A Violência Doméstica é um dos flagelos que tem atingido a sociedade portuguesa, sendo cada vez mais o número de denúncias e de processos abertos.

Isso não quer dizer, no entanto, que haja mais casos, mas sim que as vítimas estão a perder o receio e a queixarem-se às entidades competentes.

Isso não acontece somente nos grandes centros urbanos, mas também em cidades de média

dimensão, como Viseu, Aveiro ou Vila Real. As pessoas estão mais conscientes e alertadas para a situação. O aparecimento de instituições de apoio, como a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) também ajuda a essa consciencialização.

Outra questão que tem ficado bem definida tem a ver com o facto de a Violência Doméstica (VD) ser um fenómeno que não se restringe ao binómio homem-mulher. As crianças e os seniores são também vítimas de VD, embora por razões diferentes.

A abertura de Gabinetes de Apoio à Vítima na Polícia de Segurança Pública (PSP) e de Núcleos Mulher Menor (NM-UM) na Guarda Nacional Republicana (GNR) tem igualmente favorecido uma melhor visibilidade sobre a VD.

Por tudo isto e por hoje ser o 'Dia Mundial Contra a Violência Doméstica' resolvemos fazer um 'Em Foco' sobre a temática, ouvindo a Segurança Social, assim como as forças de segurança pública, além da APAV, claro. ●

Segundo a APAV

## Viseu segue o resto do país no aumento da Violência Doméstica

SM

Viseu não foge ao que se passa a nível nacional, em que se verifica um aumento de denúncias contra a Violência Doméstica (VD), segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), através dos seus gabinetes em Coimbra, Vila Real e Porto.

No primeiro semestre deste ano, dos 4.699 processos de apoio - equivalentes a 7.788 crimes registados, significando um aumento de 8,5 por cento relativamente ao ano passado - levantados pela APAV a nível nacional, 51 são de vítimas com residência em Viseu ou, mais concretamente, na região.

Em 2007, o total de pessoas com residência em Viseu que se queixaram nos gabinetes da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, em Coimbra, Porto e Vila Real, foi de 132. Uma fonte da instituição referiu que, pelo facto de Viseu não ter ainda uma estrutura dessas, as vítimas fazem as denúncias nesses núcleos.

De entre o total de crimes de Violência Doméstica, os crimes de maus-tratos físicos e psíquicos perfizeram um total de 64 por cento, seguindo-se o crime de ameaças com 20 por cento do total de crimes assinalados.

### Ensino superior

Mais nos informou a nossa fonte de que dos 7.788 crimes



A Violência Doméstica ultrapassa a questão cultural

de Violência Doméstica registados, foi "possível arrolar 3.206 vítimas de crime". Relativamente

às características das vítimas, no período em referência foi detectado que a "maioria destas

são mulheres (89,7 por cento), com idades compreendidas entre os 26 e os 55 anos de idade (47,1 por cento)".

A maioria das vítimas de Violência Doméstica são pessoas casadas (49,7 por cento), seguindo-se as solteiras (16,9 por cento) e as que se encontram em situação de união de facto (13,7 por cento).

No que diz respeito ao nível de ensino da vítima de crime de Violência Doméstica, apesar das semelhanças percentuais verificadas entre o 1.º, 2.º, 3.º ciclos, secundário e ensino superior, é precisamente este último grupo que se destaca ligeiramente com cerca de 9,8 por cento.

"Em termos profissionais, e no que diz respeito às situações sinalizadas pela APAV no período em análise, os trabalhadores não qualificados dos serviços e do comércio (11,5 por cento) são as vítimas mais visadas", aponta a fonte da APAV, que avança: "Porém, os desempregados (17,5 por cento) e os reformados (11,2 por cento)

apresentam valores mais significativos", frisa.

### Instituição

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma instituição particular de solidariedade social, pessoa colectiva de utilidade pública, que tem como objectivo estatutário promover e contribuir para a informação, protecção e apoio aos cidadãos vítimas de infracções penais.

Trata-se, em suma, de uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que apoia, de forma individualizada, qualificada e humanizada, vítimas de crimes, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais. Fundada em 25 de Junho de 1990, é uma instituição de âmbito nacional, localizando-se a sua sede em Lisboa.

Para a realização do seu objectivo, a APAV propõe-se, nomeadamente promover a protecção e o apoio a vítimas de infracções penais, em particular às mais carenciadas, designadamente através da informação, do atendimento personalizado e encaminhamento, do apoio moral, social, jurídico, psicológico e económico e colaborar com as competentes entidades da administração da justiça, polícias, de segurança social, da saúde, bem como as autarquias locais, regiões autónomas e outras entidades públicas ou particulares de infracções penais e respectivas famílias.

Fomentar e patrocinar a realização de investigação e estudos sobre os problemas da vítima, para a mais adequada satisfação dos seus interesses é outras suas finalidades enquanto instituição. ●



Vítimas com ensino secundário

# Agressores têm ensino básico e andam entre os 45 e 64 anos

**O perfil dos agressores, assim como das vítimas, foram referidos pelo director da Segurança Social, assim como pelo comandante da Polícia de Segurança Pública de Viseu (PSP) e pela Guarda Nacional Republicana (GNR).**

SEJA DE MATOS

O director da Segurança Social, Manuel João Dias, revelou ontem ao nosso jornal que o "agressor, em regra, é homem e tem entre 45 e 64 anos". Uma das surpresas é que está "empregado", quando se pensa que uma das causas é o desemprego.

Avançou que o agressor tem o "ensino básico, como habilitações literárias e que os maus-tratos que inflige são, sobretudo, psíquicos e

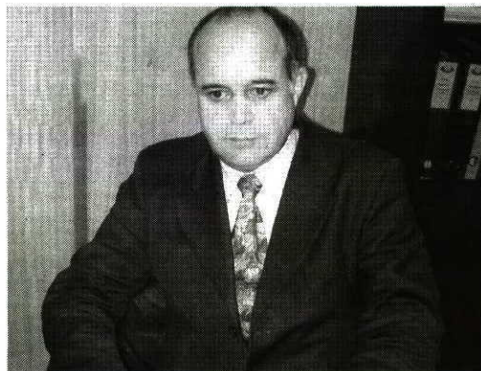
físicos". No tocante às vítimas, "normalmente são mulheres, têm entre os 25 e os 44 anos, estão empregadas e têm como habilitações literárias o ensino secundário", assinalou o director da Segurança Social de Viseu.

Segundo Manuel João Dias, as "vítimas sofrem maus-tratos psíquicos e físicos" e o que "mais solicitam é apoio semanal".

Relativamente ao ano passado, a Segurança Social atendeu 80 casos. Em termos de vítimas, "109 queixaram-se de maus-tratos psíquicos; 73 de físicos; 87 de ofensas à integridade física; 35 de ameaças de coacção; 30 de difamação e injúrias; e 6 contra a liberdade ou automotivação sexual", apontou.

## PSP: pequena diminuição

O comandante da Polícia de Segurança Pública (PSP) de Viseu,



Manuel João Dias

intendente Vítor Rodrigues, sublinhou ontem ao nosso jornal que houve uma pequena diminuição do número de denúncias nos primeiros 10 meses deste ano, ou seja, até 31 de Outubro passado, num total de 119.

Assim, foram 89 as denúncias contra o companheiro ou

cônjuge, 1 contra pai, mãe, padrasto ou madrastra, 7 contra filho ou enteado, 19 contra ex-cônjuge ou companheiro e 3 referentes a outros graus de parentesco.

A grande maioria dos agressores anda na faixa etária entre os 45 e os 64 anos.



Intendente Vítor Dias

## GNR: mais e menos casos

No tocante ao Grupo Territorial de Viseu da Guarda Nacional Republicana (GNR), até 31 de Outubro passado houve o registo de 481 casos, contra os 352 de igual período do ano

passado, o que significa uma variação de 36,6 por cento.

Quanto ao Núcleo Mulheres e Menores, a situação é diferente, uma vez que foram registados 80 casos, contra os 109 de 2007, o que significa uma diminuição de 26,6 por cento. ●

Estudo da Universidade do Minho revela

# Um em quatro namoros na adolescência é marcado por episódios de violência

SM

Uma em cada quatro relações de namoro na adolescência é marcada por episódios de violência, revela um estudo da Universidade do Minho. Insultos, estaladas, gritos, atirar e partir objectos, impedir ou controlar contactos com outros são os actos mais relatados.

De acordo com o documento, 25,4 por cento dos jovens foram vítimas, pelo menos uma vez, de um acto violento na relação. O estudo abrangeu 4.667 pessoas entre os 13 e os 29 anos.

O estudo, ao qual a Lusa teve acesso, revela que um em cada cinco jovens reconheceu ter sido vítima de comportamentos emocionalmente abusivos, apesar de a "maioria não perceber esta forma de violência como inadequada". Actos de controlo por parte do companheiro ainda são vistos como manifestações de ciúme e confundi-

dos com provas de amor. Muitas vezes, a noção de gravidade do acto está condicionada a ocorrer ou não num local público. Os insultos são toma-

dos como uma brincadeira, mesmo sendo muito humilhantes e recorrentes. Mas quando acontecem em frente a outras pessoas passam a ser mais valorizados.

## Números mais elevados em relação aos agressores

Segundo o documento da Universidade do Minho, também os comportamentos físicos abusivos são muitas vezes desculpabilizados. Não quer dizer que as vítimas os percebam como correctos, mas não lhes atribuem grande gravidade ou valorização. O estudo revela existirem 18 por cento de jovens vítimas deste tipo crime.

Já quando se fala em murros, sovas e pontapés e ameaças com armas, todos os jovens percebem que isso é inadequado, conforme foi detectado em 6,7 por cento de jovens que foram alvo desse comportamento.

Pelo cruzamento dos dados é possível perceber que muitos destes actos são isolados, acontecem uma ou duas vezes, mas existe também "um número

substancial de jovens que relatam várias formas de violência", acrescenta o documento.

Sobre os agressores, os núme-

ros são ainda mais elevados, já que 30,6 por cento dos inquiridos admitiram ter sido responsáveis por actos de violência.

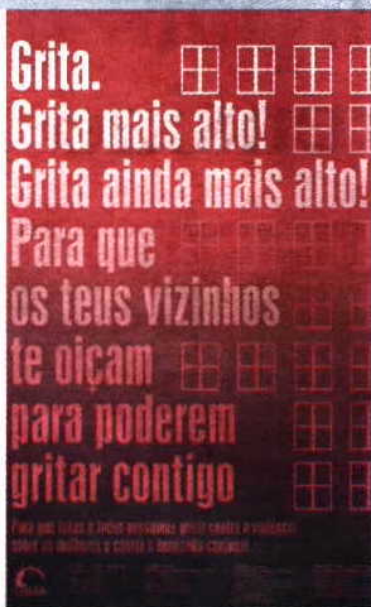
Outro dos temas abordados, mas não tão aprofundado é a violência sexual.

A não ser quando ela en-

volve actos de maior gravidade, esta não é percebida pelos jovens como forma de violência. ●



**Campanhas.** Organizações assinalam hoje o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, com campanhas para que ninguém esconda os maus tratos



## INICIATIVAS CONTRA A VIOÊNCIA

**DEBATES** FOX e Amnistia Internacional discutem "O Tráfico de Mulheres para as Redes de Prostituição". Embaixada dos EUA apresenta caso norte-americano. Em Lisboa.

**RUA UMAR** distribui kit contra a violência sobre mulheres, Lisboa. Manifestação "Meta a Colher", na Feira. Plataforma de Direitos e Liberdades e Movimento Humanista recolhe assinaturas, Porto.

**CAMPANHAS APAV** lança campanha no Museu da Electricidade, Lisboa. CIG e UMAR sensibilizam namorados e homens.

**Denúncias.** PSP registou mais 13,6% de participações nos dez primeiros meses deste ano

# Queixas de violência doméstica já ultrapassaram o total de 2007

GNR e PSP apoiaram 23 427 vítimas até Outubro e 21 907 durante 2007

CÉU NEVES

A PSP recebeu, até finais de Outubro, mais queixas de violência doméstica do que em todo o ano de 2007, mais 13,6% precisamente. Foram apuradas 14 823 denúncias nos dez primeiros meses, enquanto que o total do ano passado foi de 13 050. E ainda faltam os dados de Novembro e de Dezembro. A GNR atingiu as 8607 participações, apenas menos 253 do que a totalidade de 2007.

Aqueles dados apontam para um significativo aumento das queixas este ano comparativamente a anos anteriores. E há cada vez mais casos

relativos à violência no namoro.

"Grande parte dos jovens portugueses é vítima de violência numa relação afectiva, sendo que muitos encaram determinados tipos de agressões físicas ou psicológicas como simples demonstrações de amor", alerta a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Hoje, inicia-se a campanha Contra a Violência no Namoro, que irá terminar em Outubro do próximo ano. A mensagem passará na televisão, nos jornais, mas também nos transportes, multibanco e painéis universitários.

O objectivo é que ninguém subestime a violência doméstica. Um objectivo idêntico às duas campanhas da União das Mulheres Resposta e Alternativa, cujo observatório contabilizou já este ano 43 vítimas mor-

tais, o dobro do ano passado. Uma campanha é dirigida às vítimas e tem por base um livro de Erin Pizzey, uma feminista inglesa que denunciou os maus tratos nos anos 70 e que su-

**14,8 mil queixas na PSP**

por vítimas de violência doméstica, que foram atendidas na unidade própria

**8,6 mil processos na GNR**

foram instruídos pelo Núcleo Mulher e Menor, projecto de apoio criado em 2002

blinhava que as mulheres choravam baixinho. "Achámos que era importante dar a volta à questão. Não dizer para chorar baixinho, mas dizer para gritar mais alto", explica Manuela Tavares, da direcção da UMAR. A segunda iniciativa apela ao envolvimento dos homens na denúncia dos casos: "Eu não sou cúmplice."

Também a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança uma campanha, intitulada: "Há marcas que ninguém deve usar." O objectivo é aumentar a consciencialização de que a violência doméstica é "um crime e que não pertence exclusivamente a um estrato social, sendo transversal a todas as camadas da sociedade". No primeiro semestre do ano, a APAV apoiou 3206 vítimas, que se queixaram de 7780 crimes. ■

25-11-2008

Tiragem: 200000

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 3

Cores: Cor

Área: 10,75 x 5,88 cm²

Corte: 1 de 1



## Campanha contra violência doméstica

■■■ A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança hoje mais uma campanha cujo objectivo é consciencializar de que a violência doméstica constitui um crime grave. Lisboa, Porto e Cascais foram as áreas em que mais vítimas foram atendidas no primeiro semestre deste ano, sendo 86% de mulheres, das quais 47% casadas.



# 25% das jovens vítimas de agressões no namoro

**Associação de Apoio à Vítima** já recebeu queixas de crianças de 11 anos de idade

Sem motivos para sorrir, hoje, Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres: no primeiro semestre de 2008 houve 3206 vítimas. O número de registos supera o de 2007. Pior: a violência na juventude também está a aumentar.

Uma em cada quatro relações de namoro na adolescência é marcada por episódios de violência, revela um estudo da Universidade do Minho. À Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) chegaram este ano denúncias de meninas de 11 anos.

"Insultos, estaladas, gritos, atirar/partir objectos, impedir ou controlar contactos com outros" são os actos mais relatados na tese de doutoramento da psicóloga Sónia Caridade. O número é alto: "25,4% dos jovens foram vítimas, pelo menos uma vez, de um acto violento na sua relação".

O estudo abrangeu 4.667 jovens, dos 13 aos 29 anos, mas à APAV já chegaram dois pedidos de apoio de crianças de 11 anos. No primeiro semestre de 2008, a associação recebeu seis denúncias, todas de raparigas, entre 11 e 17 anos. É um número "aquém da realidade; só abrange quem decide queixar-se", explica Rosa Saavedra, da APAV. Problema educacional e social. Dessas seis vítimas, apenas duas mantinham relação amorosa quando foram alvo de maus-tratos. A maioria queixa-se de agressão emocional, a mais frequente forma de violência no namoro. "É necessário aprofundar a cultura de prevenção em



**Modelos contra a violência:** campanha de sensibilização da APAV chega hoje às ruas

crianças e jovens", entende João Lázaro, também da APAV, sublinhando a importância da data que hoje se cumpre: o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres.

Os níveis de brutalidade sobre a mulher não têm diminuído. Os últimos dados anuais disponíveis são ainda elevados: a cada semana há 102 mulheres vítimas de crime – ou seja, 15 mulheres agredidas por dia. "2008 ainda não acabou, mas o registo de procura na APAV aumentou este ano", diz João Lázaro.

## 3206 vítimas em meio ano

No primeiro semestre de 2008 a APAV registou já 7788 crimes, envolvendo 3206 vítimas. A média, só relativa aos primeiros seis meses do ano, supera a do ano passado – estamos agora com 523 vítimas assinaladas por mês.

Enquanto isso, o Governo aprovou no último Conselho de Ministros, na quinta-feira passada, uma proposta para reforçar o combate a este tipo de brutalidade, prevendo agora a hipótese de o agressor ser detido fora de flagrante delito, assim como a utilização de meios electrónicos para controlo à distância dos arguidos. O novo regime jurídico aplicável à prevenção da violência doméstica está aprovado na generalidade, sendo agora colocado em audição pública. ■

## Quantidade de crimes aumenta na primeira metade de 2008

**7788**

### Crimes em meio ano

Nos primeiros seis meses de 2008 foram registados 7788 crimes de violência doméstica (APAV, Unidade de Estatística). Desses foi possível arrolar 3206 vítimas de crime.

**64%**

### Mau trato físico/psíquico

De todos os crimes de violência doméstica, os maus tratos físicos e psíquicos perfazem um total de 64% (33,9% para os físicos). Escala abaixo, segue-se o crime de ameaças e coação (20%).

**89,7%**

### Mulher é a maior vítima

Nos números totais, a mulher continua a ser a principal afectada (89,7% das vezes). A faixa etária mais abrangida (47,1%) é a das mulheres com idades entre os 26 e os 55 anos.

### ■ Casadas sofrem mais

A maioria das vítimas são pessoas casadas (49,7%), seguindo-se as solteiras (16,9%) e as que se encontram em união de facto (13,7%).

### ■ Homens batem mais

Em 90% das acções de violência doméstica registadas pela APAV, o autor do crime é de sexo masculino. 40,7% destes têm entre 26 e 55 anos

### ■ Porto e Lisboa lideram

Lisboa (34,6%), Porto (11%), Faro (10,2%), Setúbal (6,7%) e Braga (6,4%) são os distritos onde se referenciam crimes.

## PREVENÇÃO

# Nova campanha é dirigida às classes mais ricas

♦ "A violência doméstica não é explicada pela pobreza, nem a social nem a educacional. E não escolhe, evidentemente, categoria de IRS". João Lázaro, director executivo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), justifica assim o principal alvo da nova campanha pública de sensibilização para a brutalidade domé-

tica: as classes A e B. "A violência é interclassista" e "também se verifica entre os mais ricos", explica aquele responsável.

A campanha – spots de televisão e anúncios fotográficos na imprensa – pretende "aumentar a consciencialização de que a violência doméstica é, antes de mais, um crime, e que não pertence

ce exclusivamente a um estrato social, sendo transversal a todas as camadas da sociedade".

## Figuras públicas dão a cara

Hoje, Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, a APAV produz um evento-choque: um desfile de moda em que as modelos apresentam

hematomas. O momento simbólico (Museu da Electricidade, Lisboa, 19 horas) pretende reforçar a ideia de que a violência doméstica está em todo o lado, por mais glamouroso que seja. Figuras públicas associam-se ao evento, da moda à política, entre Liliana Campos e Isabel Figueira ou Maria de Belém e Teresa Caeiro. ■



## PUBLICIDADE

# APAV: Há marcas que ninguém deve usar

25 de Novembro de 2008, por MARIA JOÃO LIMA

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança hoje uma campanha de sensibilização cujo objectivo é aumentar a consciencialização de que a violência doméstica é um crime e que é transversal a toda a sociedade. O que a APAV pretende com esta campanha é mostrar que o problema da violência doméstica (física ou psicológica) não deve ser encarado como acto banal ou um problema pertencente a uma camada mais baixa da sociedade.

A campanha de publicidade intitulada Moda tem

criatividade da Grey e é constituída por um filme de 30 segundos, três anúncios de imprensa e pelo evento de lançamento da campanha. O filme tem produção da Ovideo e realização de João Neves.

Hoje, Dia Internacional Contra a Violência contra as Mulheres, a campanha será apresentada durante um desfile de moda no qual se irá assistir a uma transposição dos anúncios de imprensa e do filme de televisão para o mundo real. A realizar no Museu da Electricidade, a partir das 19h30, durante o desfile alguns modelos caminharão pela passerelle com hematomas marcados no corpo (marcas claras de violência física).





**João Lázaro**

## A violência doméstica é transversal a todas as camadas sociais

É este o alerta da campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para o Dia Internacional Contra a Violência Contra Mulheres, que se assinala hoje. Só no primeiro semestre deste ano, a APAV registou um total de 4699 processos de apoio, o que corresponde a um aumento de 8,5% em relação a igual período do ano passado. A acção de sensibilização vai ser apresentada, esta terça-feira, às 19H30, no Museu da Electricidade, em Lisboa, sob o lema "Há Marcas Que Ninguém Deve Usar". Entrevistado pela *Renascença*, o vice-presidente da APAV, João Lázaro, explica o objectivo da campanha deste ano.

» *António José Soares*



**Imagens da nova campanha da APAV.**  
A descrição das roupas das modelos inclui acessórios que não estão lá... mas sim a sua marca na pele. Na modelo de branco, por exemplo, há um "cinto em cabedal castanho com fivela de ferro cromada" que um olhar mais atento reconhece no braço.

**Página1 - Qual o objectivo da Campanha "Há Marcas Que Ninguém Deve Usar"?**

João Lázaro - O objectivo da campanha deste ano da APAV relativamente à violência contra as mulheres é lembrar e ajudar a lembrar que a violência doméstica, designadamente a violência contra as mulheres, é um problema que tem que ser combatido, lembrado e reforçada a sensibilização todos os anos. Este ano escolhemos o conceito "Há Marcas Que Ninguém Deve Usar" para mostrar que a violência doméstica contra as mulheres está presente em todas as classes sociais, sejam as mais desfavorecidas ou as mais favorecidas.

**P1 - Esta acção de sensibilização vai ser suportada por que tipo de campanhas?**

JL - É uma campanha que nasce primeiro de uma composição de boas vontades e alicerçada em parceiros mecénicos e terá anúncios de imprensa, tem também anúncios de Net e também tem um anúncio de televisão.

**P1 - É possível levantar um bocadinho do véu, por exemplo, do filme de TV que está preparado?**

JL - O *spot* de TV faz-nos essa ponte para um mundo mais glamoroso onde, aparentemente, a violência não existe, mas que também pode existir. Com isto pretende-se desmistificar que a violência doméstica não se explica pela pobreza e pode estar presente em todas

as classes sociais.

**P1 - Para a cerimónia desta terça-feira, além da apresentação da campanha, vai ter lugar um desfile de moda que, segundo o que já foi anunciado, faz a transposição dos anúncios para o mundo real. Como é que essa transposição vai ser feita?**

JL - Fazendo a ligação entre o mundo glamoroso, entre o mundo da moda e o mundo da violência, das marcas que ninguém deve usar, das marcas que a violência deixa. Além disso, também vamos contar com a presença de personalidades, muitos técnicos e pessoas que trabalham directa e indirectamente com a causa da violência doméstica e que vão dar a cara estando presentes em mais esta batalha.

**P1 - Qual é a percepção que a APAV tem sobre a forma como a violência contra as mulheres tem evoluído nos últimos tempos?**

JL - Os números continuam a insistir numa tendência de consolidação, ou mesmo crescente. E é esse o dado que aparece nas estatísticas da APAV e também das forças policiais.

Mas pensamos que isto traduz, não necessariamente um acréscimo de violência, mas - e nesse sentido é positivo - uma cada vez menor tolerância da sociedade à questão da violência e da violência doméstica. E daí muitos actos que antes não eram considerados pelas próprias vítimas como violência, nesta altura serem valorizados como tal e não serem permitidos.



## APAV lançou 'desfile de moda' contra a violência doméstica

Um desfile de moda onde manequins apresentaram hematomas marcados no corpo integrou a campanha de sensibilização que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou ontem, por ocasião do Dia Internacional Contra a Violência contra as Mulheres.

Para comemorar o 'Dia Internacional Contra a Violência contra as Mulheres', a APAV lançou ontem a campanha de sensibilização "Há marcas que Ninguém deve Usar", uma acção que pretendeu aumentar a consciencialização de que a violência doméstica é um crime e que não pertence exclusivamente a um estrato social.

A acção publicitária deverá ser lançada nos próximos dias na televisão e na imprensa.

A ideia da campanha, que foi apresentada durante um desfile de moda real que se realizou no Museu da Electricidade (Lisboa), assentou numa produção de moda com manequins que desfilaram pela passarele com marcas visíveis de violência física no corpo.

Segundo números avançados pela APAV, Lisboa, Porto e Cascais foram as áreas em que mais vítimas de violência doméstica foram atendidas nos Gabinetes de Apoio à Vítima: 34 por cento foram recebidos na área de Lisboa, 15,1 por cento no Porto e 13,3 por cento na área de Cascais.

O primeiro contacto é geralmente estabelecido telefonicamente (prática registada em 54,7 por cento dos casos) é efectuado pela própria vítima (66,6 por cento), apesar de se verificar que os contactos de familiares (15,1 por cento) ganham cada vez mais relevância, segundo a Associação.

Entre 1990 e o 1º semestre de 2008, a APAV registou um total de 147.221 crimes, através de 77.988 processos de apoio.

Também por ocasião das comemorações, a Euronet-FGM, da qual faz parte a Associação para o Planeamento da Família (APF), desenvolveu várias acções na Europa para dar voz as crianças e mulheres que todos os anos são vítimas de Mutilação Genital Feminina.

Estimativas recentes divulgadas pela ONU, indicam que entre 100 e 140 milhões de mulheres e raparigas no mundo tenham sofrido a mutilação genital feminina e que três milhões de raparigas corram anualmente esse risco.

Estudos da Organização Mundial de Saúde (OMS) sublinham que a prática - que representa uma grave ameaça à saúde ao nível da saúde mental, sexual e reprodutiva - reforça a vulnerabilidade ao vírus do HIV/Sida e aumenta os riscos obstétricos com consequências fatais, entre outros.

A OMS inclui Portugal na lista dos países de risco no que respeita à esta prática, pela existência de imigrantes de vários países onde ela é praticada. Apesar de já terem sido realizados dois estudos pela Associação para o Planeamento da Família, um na zona da Amadora e outro no Concelho de Loures, não existem dados sobre se a Mutilação Genital Feminina é realmente levada a cabo em Portugal.



## >Marcas

# “Há marcas que ninguém deve usar”

Saiu à rua esta segunda-feira, Dia Internacional contra a Violência contra Mulheres, a nova campanha de sensibilização da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Esta acção tem o objectivo de aumentar a consciencialização de que a violência doméstica é um crime e que não é realidade de um único estrato social.

**Conceito.** A ideia da campanha é uma produção de moda, com modelos em típicas poses

sofisticadas para a câmara. Contudo, estes modelos têm uma marca a mais. A acompanhar a foto evidencia-se, na típica descrição dos acessórios, um elemento a mais, uma marca que se destaca pela negativa. Esta acção é suportada por uma forte campanha de publicidade intitulada *Moda*, desenvolvida pela agência de publicidade Grey, e é constituída por um filme de TV e três anúncios para imprensa.

